

SEGREDOS DA INTELIGÊNCIA FINANCEIRA

COM EXEMPLOS RESOLVIDOS



JESUÉ GRACILIANO DA SILVA

**SEGREDOS DA
INTELIGÊNCIA FINANCEIRA:
COM EXEMPLOS RESOLVIDOS**

Jesué Graciliano da Silva

S586t Silva, Jesué Graciliano da

Segredos da Inteligência Financeira - com exemplos resolvidos / Jesué Graciliano da Silva

Seattle: Amazon, 2019

116 p.

Formato: ePUB

Modo de acesso: World Wide Web

Tamanho do arquivo: 27.628 kB

ISBN: 978-65-901659-0-9

1. Educação Financeira. 2. Matemática
Título.

CDD

“O dinheiro é a história de maior
sucesso imaginada por humanos,
porque é a única história em que todos acreditam.

Desde um simples ato de troca até a ganância
pelo ouro e a economia globalizada de hoje,
o significado do dinheiro e o
que nós valorizamos muda conforme a civilização evolui.

Se o dinheiro moderno é um reflexo
de quem somos, o que isso diz sobre nós?”

Niall Ferguson

SUMÁRIO

Apresentação	9
1- Moral da estória	11
2- Taxa de juros	21
3- O teste do <i>Marshmallow</i>	41
4- Educando com <i>Monopoly</i>	51
5- Custo-benefício e o kW.h	59
6- Consumo consciente de água	69
7- O valor de um copo de água	77
8- Bilhete premiado	83
9- Martelinho dourado	97
10- Quem quer ser milionário?	101
11- A inflação	109
12- Planejamento Financeiro	133
Exemplos Resolvidos	145
Referências	169



<https://youtu.be/Mpikq1-Djr0>

Apresentação

É senso comum que uma pessoa alfabetizada financeiramente compreende melhor como ganhar, gastar, investir e poupar seu dinheiro. No entanto, muita gente não entende a diferença entre juros simples e compostos e que não conseguem acumular uma reserva financeira para emergências. Há mais de 50 milhões de brasileiros com o nome negativado no Serviço de Proteção ao Crédito (SPC).

Nesse contexto, em 2018 foi aprovada a nova lei da Base Nacional Comum Curricular, que trata das diretrizes nacionais para educação no Brasil.

Pela primeira vez, a educação financeira passou a fazer parte dos currículos obrigatórios de todos os colégios do país, sendo um dos assuntos abordados no ensino da matemática.

Penso que um país economicamente mais saudável começa com ensinamentos simples em casa, por isso nas páginas seguintes vamos conversar um pouco sobre economia de um jeito bem prático.

Também vamos mostrar como as taxas de juros e a inflação impactam nossas vidas. Uma boa gestão financeira depende essencialmente de disciplina e de tempo. Quanto mais cedo desenvolvermos a inteligência financeira das crianças melhor. A conscientização financeira deve começar desde a infância, quando as crianças estão absorvendo conhecimentos que contribuirão para a formação de sua personalidade.

Por isso procurei escrever como se estivesse contando uma estória para meus dois filhos adolescentes. Alguns assuntos, mesmo que possam parecer mais técnicos podem dar início às discussões sobre o assunto.

Espero que este texto leve à reflexão sobre nosso comportamento em relação ao dinheiro. Ter consciência sobre nossas expectativas e necessidades é o primeiro passo para uma mudança efetiva.

Boa leitura !

Prof. Jesué Graciliano da Silva



<https://youtu.be/iXkhZ4Y82h4>

1- Moral da estória

Nossa relação com o dinheiro é sujeita a influências diversas, mas nem sempre temos consciência. Os ensinamentos de nossos pais, as mensagens das novelas, as histórias infantis, os valores cristãos e as propagandas na TV têm impactos na forma como lidamos com o assunto.

Por falta de opção, recebi as primeiras lições de educação financeira bem cedo. Aos 10 anos, no bar da família, aprendi o que eram as margens de lucro na compra e na venda de cigarros e bebidas e a importância de tratar bem as pessoas. A venda a prazo fidelizava a clientela, mas também dava alguns prejuízos.

Meu pai sempre me dizia que era importante ter uma caderneta de poupança. Poupar é um ato que exige disciplina, pois significa restringir o consumo no presente em troca de uma promessa de consumo futuro.

Assim que comecei a trabalhar como desenhista, aos 13 anos, repassava todo salário que recebia para minha mãe. Aos 16 anos abri minha primeira conta poupança. Observei com atenção os erros e desacertos dos diversos planos econômicos. O mais emblemático foi o congelamento de preços determinado pelo então presidente José Sarney em 1986. E prefiro esquecer o confisco da poupança determinado pelo então presidente Collor.

Recentemente me interessei mais sobre a dinâmica do desenvolvimento regional e o papel da educação profissional nesse processo. Foi necessário mergulhar nas teorias econômicas para escrever a parte introdutória da tese de doutorado. Queria entender como as grandes potências se desenvolveram. As obras de Niveau (História dos fatos econômicos contemporâneos), Alice Amsden (A ascensão do resto), Hunt & Sherman (História do Pensamento Econômico), Niall Ferguson (A ascensão do dinheiro), Daron Acemoglu (Por que as nações fracassam), Leo Huberman (História da Riqueza do Homem), Michael Porter (A vantagem competitiva

das nações) e Thomas Piketty (O Capital no século XXI) foram de grande ajuda.

Entender porque algumas regiões se destacavam enquanto outras entravam em colapso também me intrigava. Por isso estudei um pouco os parques tecnológicos, a Terceira Itália, o Vale do Silício, o Vale dos Vinhedos no Rio Grande do Sul e as políticas de desenvolvimento regional.

Mas nem todo mundo tem paciência e interesse de ler sobre fundamentos econômicos, principalmente os adolescentes. Por isso comecei a pensar na melhor forma de abordar o assunto.

As histórias infantis têm um poder de comunicação universal e por isso recorri a elas quando comecei a ensinar educação financeira para meus filhos. Fazer uma abordagem econômica destas histórias se mostrou uma boa alternativa.

As crianças crescem ouvindo histórias cheias de mensagens subliminares. Entre elas tem aquela do porquinho trabalhador, que fez sua casa de tijolos e por isso salvou seus dois irmãos do lobo mau. A valorização do trabalho é a chave da história dos Três porquinhos.

La Fontaine nos brindou com a história das formigas que trabalhavam muito durante o verão para terem alimentos durante o inverno. Já a cigarra só cantava e fazia festas. A

estória da cigarra e a formiga ensina a importância da previdência.

Tendo a cigarra em cantigas/Folgado todo o verão/Achou-se em penúria extrema/Na tormentosa estação./Não lhe restando migalha/Que trincasse, a tagarela/Foi valer-se da formiga,/Que morava perto dela./Rogou-lhe que lhe emprestasse./Pois tinha riqueza e brio,/Algum grão com que manter-se/Até voltar o aceso estio./"Amiga, – diz a cigarra –/Prometo, à fé d'animal,/Pagaros antes de agosto/Os juro e o principal."/A formiga nunca empresta./Nunca dá, por isso junta:/"No verão em que lidavas?"/A pedinte ela pergunta./Responde a outra: "Eu cantava/Noite e dia, a toda hora./– Oh! Bravo!, torna a formiga:/Cantavas? Pois dança agora!" (LA FONTAINE, 1996)

Nas estórias de Esopo¹ tem-se o clássico “A galinha dos ovos de ouro”.

Tinha certa velha uma galinha que lhe punha ovos de ouro; e bem que raros fossem, davam-lhe para viver em abundância. Um seu afilhado continuamente lhe dizia: “Como pode minha madrinha esperar pelos ovos desta galinha? Se põe ovos de ouro, é por certo toda de ouro; matemo-la” A velha por fim cedeu. Morta a galinha, era por dentro como todas as galinhas.

¹ Esopo (Nessebar, 620 a.C. – Delfos, 564 a.C.) foi um escritor da Grécia Antiga a quem são atribuídas várias fábulas populares.

Mesmo estórias mais elaboradas como a do Pequeno Príncipe traz interessantes questionamentos: Em uma passagem o principezinho pergunta ao adulto ganancioso: “para que serve mesmo ser rico?”

(...) Quando achas um diamante que não é de ninguém, ele é teu. Quando achas uma ilha que não é de ninguém, ela é tua. Quando tens uma ideia primeiro, tu a fazes registrar: ela é tua. E quanto a mim, eu possuo as estrelas, pois ninguém antes de mim teve a ideia de as possuir. Isso é verdade, disse o principezinho. E que fazes tu com elas? Eu as administro. Eu as conto e reconto, disse o homem de negócios. É difícil. Mas eu sou um homem sério! O principezinho ainda não estava satisfeito. Eu, se possuo um lenço, posso colocá-lo em torno do pescoço e levá-lo comigo. Se possuo uma flor, posso colher a flor e levá-la comigo. Mas tu não podes colher as estrelas. Não. Mas eu posso colocá-las no banco (Saint-Exupéry, 2015).



Figura 1 – Ilustração adaptada do livro “O Pequeno Príncipe”.

O “Príncipe e o Vagabundo” de Mark Twain é um livro interessante por mostrar as contradições entre a vida em um palácio e as dificuldades enfrentadas pelos mais pobres. Na estória há dois personagens principais: Tom Canty e Edward, príncipe de Wales, que nasceram em Londres no mesmo dia. O primeiro era indesejado e foi abandonado pela mãe com um pai cruel. O segundo nasceu coberto de carinhos e riquezas. Um dia, querendo ver o príncipe, Tom tentou se aproximar da carruagem real e foi afastado por um guarda. Edward ficou com pena do menino e o convidou para ir ao palácio. Quando trocaram de roupas, eles descobriram que eram idênticos em aparência. Os dois acabaram trocando de papéis, o que causou grandes confusões.

Até mesmo nas revistinhas do Tio Patinhas (*Uncle Scrooge McDuck*), inspirado no personagem Ebenezer Scrooge de Charles Dickens (1812 – 1870), é possível aprender boas lições de educação financeira. No livro: Contos de Natal o personagem Ebenezer Scrooge é um avaro homem de negócios londrino, que não demonstra compaixão. Na véspera do Natal ele é visitado pelo fantasma de Jacob Marley, seu antigo sócio, que lhe mostra outra perspectiva sobre a vida.



Figura 2 – Ilustração adaptada de Ebenezer Scrooge - Charles Dickens.

O encontro com o espírito do falecido amigo Marley e a consequente viagem ao passado, presente e futuro são uma segunda chance para o personagem principal. A metáfora utilizada possibilita a reflexão sobre nossas escolhas cotidianas. O tempo de que dispomos para aquilo que é importante em nossas vidas nada mais é do que uma abstração criada para ordenar os acontecimentos. E as festas de Natal são momentos para a reunião dos amigos e das famílias. Charles Dickens escreveu esse livro para quitar uma dívida. Motivado pela necessidade, o autor produziu um memorável conto natalino.

Quando criança no livro didático havia uma estória sobre um rei que dividiu toda sua fortuna entre seus súditos, dando mais para quem tinha menos e menos para quem tinha

mais. Ao final da divisão todos passaram a ter a mesma riqueza. Feliz com sua decisão o rei partiu para uma longa viagem por outros reinos. Anos mais tarde, quando retornou, percebeu que algumas pessoas haviam multiplicado o dinheiro recebido, enquanto outras haviam perdido tudo.

Na mitologia grega podemos encontrar a lenda do Rei Midas, que em decorrência de sua ganância acabou sendo amaldiçoado. Tudo em que tocava virava ouro. Ele ficou desesperado ao perceber que jamais poderia se alimentar novamente. Sua filha, Phoebe, vendo seu desespero tentou socorrê-lo e, ao tocá-lo, transformou-se em uma estátua de ouro. Mais desesperado ainda, Midas orou para Baco, pedindo que este o livrasse daquilo que, na verdade, era uma maldição. Baco consentiu e disse a Midas que deveria se banhar na fonte do rio Pactolo para que pudesse se lavar do castigo. Ao se lavar, Midas passou às águas do rio o poder de tudo transformar em ouro, sendo que a areia do Pactolo se tornou dourada. Arrependido de sua ganância, Midas voltou aos campos, passando a morar longe das cidades.

No Brasil, Monteiro Lobato escreveu diversas histórias sobre educação financeira. Em “Aritmética da Emília” há uma passagem que trata especialmente do que o autor define como “as medidas do valor do dinheiro”.



Figura 3 – Ilustração adaptada de Emília e Visconde - Monteiro Lobato.

Depois temos as medidas do valor do dinheiro, que são as moedas, e que variam em cada país. Todos os povos possuem a sua medida especial do dinheiro, que em alguns é bem complicada (LOBATO, 1935).

Na Bíblia há diversas estórias criticando a ganância. Uma delas é a parábola do rei insensato, contatada por Jesus:

“Certa vez um homem rico havia atingido um estado de abundância. E ele arrazoava consigo mesmo, dizendo: Que farei? Não tenho onde recolher os meus frutos. E disse: Farei isto: Derrubarei os meus celeiros, e edificarei outros maiores, e ali recolherei todas as minhas novidades e os meus bens; E direi a minha alma: Alma, tens em

depósito muitos bens para muitos anos; descansa, come, bebe e folga” Mas Deus lhe disse: Louco! Esta noite te pedirão a tua alma; e o que tens preparado, para quem será? Assim é aquele que para si ajunta tesouros, e não é rico para com Deus” (Lucas 12:16-21).

Como é possível perceber, em todas as estórias há sempre uma lição de moral implícita. Essa é a forma como o imaginário coletivo vai formando suas opiniões sobre o dinheiro.

Para Hofmann e Soares (2015), as regras instituídas pelos pais, as normas da escola e os padrões sociais definem possibilidades e limites da ação e do comportamento das crianças, fazem parte do processo educacional.

Por isso é importante ensinar as crianças a fazer escolhas restritivas como parte da educação econômica. O custo de oportunidade de uma decisão é facilmente compreensível desde muito cedo. Ao realizar a opção pela compra um determinado produto a criança está abrindo mão da compra de outros. A decisão de economizar parte da mesada para comprar um celular novo está relacionada à restrição do consumo no presente para consumo futuro. São as famosas econômicas trocas temporais.